

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

EDITORIAL

Perguntámos a um amigo nosso o que seria mais importante para que Fão desse um salto em frente. O nosso interlocutor que representa um estrato muito significativo da média ou alta burguesia — tudo é relativo — pôs-se a pensar, ou antes, a sumarizar ideias que porventura já trazia muito arrumadas dentro de si e depois respondeu:

— Eu penso que a avenida beira-rio se torna vital para nós; uma avenida que vá ao Caldeirão. Depois era necessário continuar ou empedrar aquela rua que vai do parque de campismo à Bonança; fainalmente seria bom

FÃO.

parou no tempo

que se criasse uma alternativa à rua das Pedreiras, não se falando já no arranjo do salão.

Ora como este amigo assim pensam outras pessoas do meio, e nós interrogámo-nos se o conjunto destas obras constituirá o polo do desenvolvimento desejado para que Fão arranque finalmente do marasmo em que caiu. Na verdade, se passarmos actualmente pela Rua Azevedo Coutinho, sentimos que a terra fangueira parou no tempo. Somos hoje a terra do «lá vem um», onde na Avenida Dr. Manoel Paes se vêem sempre as mesmas caras: Quenor, Tino de Magalhães, Vieira e, de vez em quando, o Gomes de Baixo.

Sem desistir das obras acima indicadas porque também são necessárias, parece-nos que a vertente fangueira que mais deve ser incentivada será a turística. Efectivamente Fão dispõe de três unidades hoteleiras que teriam de ser melhor aproveitadas e quando dizemos melhor aproveitadas, queremos significar mais intensamente ocupadas. E dizemos isto porque os hotéis quando bem preenchidos, dão que fazer a muita gente, mobilizam empregados, activam restaurantes, movimentam cabeleireiros, estabelecimentos comerciais, etc. Em suma, atraem gente e gente que faz gastos em terra alheia constitui o cerne do turismo.

Como preencher então os hotéis? Ora aqui temos uma pergunta difícil a que nem a Câmara nem os hoteleiros conseguiram dar uma resposta satisfatória. Já acima lembrámos muito lapalissadamente que os hotéis só cumprem a sua finalidade quando fixam gente e as pessoas são atraídas através de engodos, não sendo de desprezar aqueles que o

(Continua na página 2)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

DR. ARLINDO CORREIA LEITE

«É com o maior prazer que nós vimos registar neste jornal a chegada do sr. dr. Arlindo Correia Leite. Os pobrezinhos de Fão quando ouvem falar neste tão dice quanto sublime nome «Correia Leite» regorgitam de contentamento como aquelas crianças a quem um pai mostra um brinquedo depois de uma jornada.

Dizer o que são esses corações deliciosíssimos da ilustre família Correia Leite parecem ser um trabalho de que não nos julgamos com aptidão, mesmo que fora disso o nome de Sua Ex.a esteja vinculado na alma deste bom povo.»

Com estas palavras o correspondente de Fão do Jornal «O Esposendense», de 13 de Julho de 1916, comunica aos seus leitores a chegada à nossa terra do dr. Arlindo Correia Leite que periodicamente vinha fazer as suas férias à terra fangueira no princípio de Julho de cada ano e partia depois para Lisboa no início de Outubro. A sua casa, então chamada palacete era a mesma moradia onde viveu (algum tempo) e morreu o dr. Alceu Vinha dos Santos.

Os dados que temos sobre a sua biografia colhidos no velho jornal esposendense que o António Vieira dirigia, são mais abundantes que os do seu pai e daí nós temos preferenciado o filho para de certo modo homenagearmos a família Correia Leite.

Foi porventura a família de maiores posses que existiu em Fão no primeiro quartel deste século. Na lista dos beneméritos que contribuíram para a construção do actual edifício do Hospital, a família do Comendador António da Costa Correia Leite aparece à cabeça com a importância de esc. 6.650\$00, seguido do nome de Campos Morais com esc. 2.200\$00.

O dr. Arlindo Correia Leite quando apareceu em Lisboa por volta de 1905, mandou construir um palacete-teatro cujo preço de custo em 1929 era de 3000 contos de reis. Foi professor da Universidade Brasileira, diplomata e finalmente banqueiro como ao diante narraremos.

Como apareceu em Fão, uma vez que nasceu no Brasil? Apareceu em Fão na esteira de seu pai, o Comendador António Correia Leite, grande comerciante do Rio Grande do Sul, frequentador assíduo e prestigiado benemérito da terra de Fão.

O dr. Arlindo Correia Leite passava to-

dos os anos em Fão, três a quatro meses — época estival — e sempre se mostrou interessado e colaborante nos problemas que à nossa terra diziam respeito.

Diz por exemplo o «Esposendense» de 29 de Outubro de 1910. «Face a um incêndio em casa de Leopoldina Gonçalves, no

(Continua na página 2)

Monsenhor Baptista de Sousa

Recebemos do Senhor Arcipreste de esposende uma simpática missiva em que nos agradece as referências feitas à sua pessoa, a propósito da elevação ao cargo de monsenhor.



É verdade que nos ligam ao Rev. Manuel Baptista de Sousa laços de amizade que duram há mais de 40 anos, mas nós queríamos dizer a Monsenhor que uma simples amizade pessoal não bondaria para elogiarmos quem quer que fosse.

Parafraseando Ortega e Garrett, nós diremos que um ser humano é um homem e o seu trabalho. Nós nutrimos por Monsenhor Baptista de Sousa forte admiração pela maneira como tem desempenhado o seu munus sacerdotal. Monsenhor tem-se revelado activo, verdadeiramente dinâmico, no campo social, erudito investigador no domínio da história, toleravelmente ortodoxo na área eclesial. Limitámo-nos então a dar público testemunho dessa admiração que radica num longo trabalho apostólico realizado.

Editorial

(Continuado da página 1)

nosso concelho acena aos turistas: as belezas naturais e o carácter brando da sua gente.

Mas nós perguntamos: será isto o bastante? Para pessoas da terceira idade, ajuda, mas nem todas as pessoas que nos visitam pertencem ao terceiro escalão etário e mesmo essas poderão encontrar outras regiões paradisíacas em melhores condições que aquelas aqui oferecidas.

A verdade é esta: o turista quando aqui chega não tem, ou tem muito pouco onde ocupar os tempos complementares, isto é, os tempos que sobram depois de umas horas de lazer no hotel e, quando for caso disso, na praia. Ele aparece no povoado, passeia-se de lá para cá e de cá para lá, entra num ou outro estabelecimento com algum interesse lúdico, e em seguida enfia-se no hotel, pois não há mais nada para ver. Se se acrescentar a este *nada* as ruas pouco varridas, as margens do rio pouco limpas e o pinhal esterçado, que imagem e lembrança levará ele desta zona? Salvo raras excepções, demandará no ano seguinte novas paragens.

O asseio e a ocupação de tempos livres são realidades muito sensíveis a quem aqui desembarca. A par da ausência de uma certa noção de limpeza, faltam pequenos estabelecimentos de bric á brac, adegas regionais confortáveis, estabelecimentos de diversão e ainda uma ou duas residenciais. Aliás, segundo informações que nos chegaram, está perspectívada a abertura de três destes estabelecimentos. Não há fome que não traga fartura.

E por referirmos aquilo que nos falta, salientamos ainda a ausência em todo o litoral concelhio de um campo de golf e de uma marina, o primeiro a ser implantado entre Fão e Apúlia e o segundo na foz do Cávado. Em nosso entender, a Sopete, com o maior hotel do norte do país situado em Ofir, cometeu um erro crasso ao desviar o seu campo de golf para a terra de ninguém, que não serve gregos nem troianos. Se esta empresa tiver a má fortuna de perder já em Março próximo a concessão do jogo, nós queremos saber como é que um hotel sem infra-estruturas adequadas poderá resistir à contingência de um turismo estival.

Por último, um recado à Câmara e aos hoteleiros: se lhes aparecer pela frente um visionário como esse holandês Rob, dêem-lhe a máxima guarida, apoiem-no decisivamente, pois o seu plano para ofir e arredores terá sido aquele que melhor aproveitaria as potencialidades excepcionais da região.

N. B. — Convidamos quem quer que seja a apresentar aqui a sua opinião sobre este tema que nos parece vital para a terra fangueira. Qualquer diálogo será vantajoso.

DR. ARLINDO CORREIA LEITE

(Continuado da página 1)

Ramalhão, o dr. Arlindo Correia Leite — esse grande génio de patriotismo e grande amigo de Fão — abriu uma subscrição que se acha no nosso Club, para com o seu produto se fazer a aquisição de uma bomba e respectivo material de incêndio e formando desde já uma corporação de bombeiros.

Era um esmoler que repartia generosamente pelos necessitados os dividendos da sua imensa fortuna. Como vimos no pórtico deste perfil, os pobres de Fão admiravam-no. O nome «Correia Leite» era uma espécie de nume protector da paróquia. Interessava igualmente os amigos pelos problemas locais, como foi o caso do dr. Jorge Godinho, cremos que de Lisboa, que por intermédio do seu amigo, dr. Arlindo, ofereceu uma mesa para operações cirúrgicas ao Hospital de Fão.

Não vamos enumerar aqui, como é óbvio, todos as benesses com que protegeu sempre a terra onde descansava amiúde, bastando-nos destacar o seu perfil de grande benemérito. A partir de 1922 a sua presença na nossa freguesia tornou-se mais rara, mas, mesmo de longe, a sua generosidade não deixou de atender qualquer pedido que lhe fosse feito.

Nesse tempo existiam em Fão homens de respeito que constituíam por assim dizer a elite da terra. O dr. Correia Leite convivia com eles, sobretudo no Club Fãozense, e tomava parte em ou promovia festas de sociedade que se realizava algumas vezes por ano. Nessas alturas tanto o seu edifício como o de Campos Morais iluminavam-se mas

não com luz eléctrica, pois a electricidade só veio para Fão em 1926.

Diz a propósito o jornal de Esposende de 11 de Setembro de 1913: «Festejando as 15 primaveras, a filhinha Carmen, do dr. Arlindo Correia Leite e de sua esposa D. Hália da Silva Correia Leite, foram expedidos convites a várias famílias na noite do dia 13 do corrente. Por tal motivo há fogo do Castro e está encarregado da iluminação do palacete e jardins um iluminador de Barcelos».

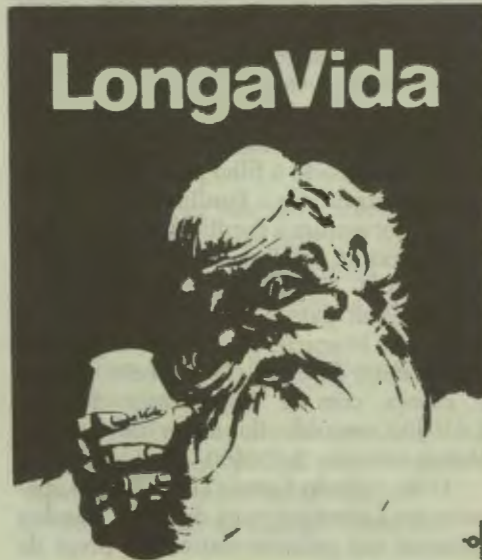
Subitamente, o homem que o Governo Português agraciou com a Ordem de Mérito da Cruz e Espada e que o povo de Fão verdadeiramente venerava, foi metido na prisão, em Outubro de 1929.

Na origem de tão infausto acontecimento esteve a fundação de uma casa bancária em Lisboa, a «Correia Leite, Santos & C.ia», em Novembro de 1922. Dispondo de invulgares meios de fortuna, o dr. Correia Leite viu-se de certo modo compelido pelos amigos e alguns familiares a fundar um banco, cujo objectivo principal era proporcionar um emprego digno a esses mesmos amigos e familiares. As coisas, porém, não correram de feição, e o dr. Correia Leite, a certa altura, foi obrigado a vender a sua luxuosa casa de Lisboa, outros edifícios e «papéis» que possuía no Brasil, «em holocausto à preservação do bom nome da família».

Outros sócios fugiram para a terra brasileira. Só o dr. Correia Leite permaneceu no seu posto e, após uma campanha intensamente difamatória, foi preso. No presídio escreveu um livro intitulado «Noite de Vigília», onde historiou todo o processo de *décalage* do Banco, as traições de que foi alvo, as burlas em que sem saber foi mertido. Mais do que a história de um processo, o livro do dr. Arlindo Correia Leite traz ao de cima as qualidades de nobreza, de carácter, de espírito cristão que o animavam.

Foi seu advogado de defesa o então jovem e talentoso dr. Azeredo Perdigão.

Na 2.ª parte da mesma obra, o autor faz agradecimento individuais a todas as pessoas — e muitas foram — que o visitaram na prisão ou que, por escrito, lhe manifestaram a sua solidariedade. Ao que parece, e assim temos de concluir por exclusão de partes, o único fangueiro que se deu ao cuidado de lhe escrever, o único fangueiro que não teve memória curta e manteve sempre presente a incomensurável benemerência do grande capitalista, então caído em desgraça, foi o Padre Francisco Cubelo, que, inclusive, pôs a sua casa à disposição para que o dr. Correia Leite nela fosse descansar quando devolvido à liberdade.

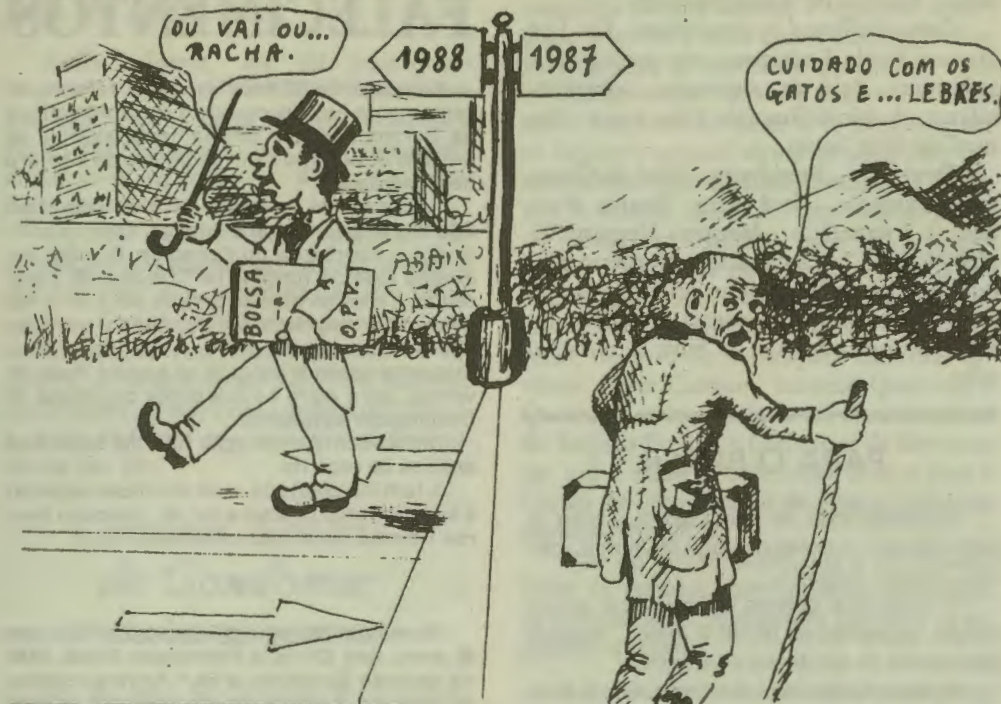


Longa Vida

o que é bom da natureza

UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES
estamos a construir um banco do futuro

UM CARTÃO ESPECIAL



O nosso prezado colaborador e grande amigo de «O Novo Fangueiro», Fernando de Almeida, além do simpático cartão de Boas Festas que nos enviou, teve a amabilidade de nos remeter um postal ilustrado da sua autoria, que acima publicamos.

Já dissemos algures que Fernando de Al-

meida é um próspero e activo industrial de ourivesaria do Porto, mas tem tempo para tributar aos seus amigos expressivas manifestações de cuidada amizade.

Com esta *charge* ao movimento da bolsa, F. A. revelou apurado sentido crítico e uma certa veia plástica.

UM ROUBO ÀS ESCÂNCARAS

No dia 18 de Dezembro audaciosos gatinhos assaltaram as Confeções Julieta e roubaram mercadoria que se destinava à exportação.

Foi um roubo às escâncaras, espectacular, realizado a coberto da noite. Os gatinhos trouxeram um camião e começaram a enchê-lo de produtos já confeccionados, num total de quase cinco mil contos. Além do roubo, existe o inconveniente da falta da entrega na data aprazada, o que é sempre negativo em termos de negócio.

Outros assaltos da mesma jaez foram realizados em terras próximas. Se os donos da empresa roubada se contentam com o mal alheio, nós contamos o que sucedeu em Milão com um casal que nos foi referenciado.

Na cidade milaneza o marido estacionou o carro perto de um banco para fazer qualquer transacção, deixando dentro a esposa. Logo a seguir estaciona junto ao veículo um jeep com quatro homens trajando fato de macaco com o distintivo de uma conhecida marca de pneus. Dirigiram-se para o carro e rapidamente começaram a tirar os pneus.

A esposa do dono do carro pensou então: «Lá foi o meu marido que mandou fazer isto». E deixou-se ficar muito quieta.

Os «funcionários» tiraram os pneus que até eram novos e num ápice puseram-se a mexer. Parece que um deles até cumpriu a senhora.

Agora imagine-se o grande melão do marido quando chegou junto ao carro e o viu sem pneus.

- Que raio fizeram ao automóvel?
- Não foste tu que mandaste?
- Quem? Eu?!...

Tinham sido pura e simplesmente roubados, em pleno dia, com a dona dentro do veículo.

CONVITE

Vem, meu amigo vem
E contempla a formosa Natureza,
Constrói em ti um sonho de pureza,
Transporta a tua alma mais além...

Mais além, onde a vida é toda pura,
Onde as crianças brincam a cantar,
Onde se dá ternura
Em troca de sorrisos de luar.

Onde existe um jardim
Feito com terra humana, fraternal,
Onde cresce uma flor cor do carmim
Com um perfume todo celestial.

Esta flor tem o nome de amizade,
E à volta dela, aves cantam hinos,
E o seu perfume o coração invade
Irmanando os mais velhos e os meninos.

DINIS VILARELHO

O MEU MAIS BELO PRESENTE...

Um belo presente é um beijo, mas mesmo, mesmo presente foi no Natal de 1985, tinha eu seis anos. Foi a minha mãe que mo deu. Quando o vi fiquei espantado! Uma mota e um homem que anda sozinho.

Ainda o tenho, só que as pilhas estão gastas, porque na noite de Natal brinquei muito com ela.

A mota, tenho-a no meu beliche. Quando me vou deitar, olho sempre para ela. Gostei tanto, tanto, que até na noite de Natal sonhei com o meu mais belo presente.

Ah! e a mota acendia as luzinhas... Quando fui ligá-la é que vi que tinha as luzinhas...

Fiquei louco. Agarrei-me à minha mãe e dei-lhe um beijinho e um abraço muito grande.

Gustavo José — 3.º ano
Extraído do jornal «O Rouxinol»

CABINE TELEFÓNICA

Aquilo foi um bodo aos pobres. A cabine telefónica que está situada na Avenida dr. Manuel Pais resolveu nesta quadra natalícia preitear os fangueiros, e não só, de uma forma singular. Não aceitava moedas e sem qualquer limitação de tempo as pessoas faziam ligações para onde muito bem entendessem. As chamadas de Paris foram constantes e segundo nos informaram uma *petite fille* só à sua conta gastou 2 horas para os arredores parisienses.

A coisa até se prestou para cenas hilariantes. Um brincalhão viu junto à cabine umas jovens de Marinhas que ali se apresentaram de bicicleta. Vinham em bicha.

Então pensou: «Isto para os de Fão ainda vá lá, mas para os de fora começa a ser abuso». Tirou um cartão de identificação da firma onde trabalha e enquanto o fixava na lapela, foi-se aproximando do telefone.

As moças, ao verem aquele senhor a aproximar-se e a olhar para o relógio e para elas, começaram a cochichar umas com as outras e sorratamente pousaram o auscultador. Depois, uma a uma abandonaram a cabine, pegaram nas bicicletas e sumiram-se.

Claro que a «anedota» correu a freguesia. Na tarde de domingo, a brincadeira acabou e o telefone em breve ficou avariado como é costume.

O CORETO DO BOM JESUS

O coreto da Alameda foi um dos quatro coretos portugueses escolhidos pelo Banco Borges & Irmão para figurar num calendário de parede editado por aquele estabelecimento de crédito.

Com as suas linhas airozas, a fotografia salu bonita e os fangueiros ficaram admirados porque finalmente o marketing de um estabelecimento de crédito abandonou o «patriotismo» de uma qualquer *vamp* por um ex-libris que o saudoso Anselmo ajudou a cus-tear.

Eleição dos Corpos Gerentes da Associação dos Bombeiros

No passado dia 26 do corrente mês, realizou-se a Assembleia Geral desta Benemérita Associação para a eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1988, com a escassa presença de 37 eleitores.

Apenas foi apresentada uma lista, aquela que, nos termos dos Estatutos, a Direcção é obrigada a apresentar, integrando os mesmos elementos que constituem os actuais Corpos Gerentes.

Foi esta lista eleita pelos 37 presentes — por unanimidade, portanto — para mais um seu mandato. É seu principal, se não único, objectivo iniciar a ampliação das instalações da Associação, para o que, desde já, solicita a melhor boa compreensão de toda a população, para a indispensável e valiosa ajuda na concretização daquele objectivo.

LISTA A

Mesa da Assembleia Geral — Presidente - Padre Avelino Pinheiro Borda; vice-

presidente - António Gomes Lopes; 1.º secretário - Armando Gageiro Reis e 2.º secretário - Rogério de Sousa Morgado.

Conselho Fiscal — Presidente - Dr. José Manuel Borda Rodrigues; vice-presidente - Domingos Reis da Assunção; secretário-relator - António Graça do Vale; vogal - Manuel do Vale Sousa.

Direcção — Presidente - Abel da Costa; vice-presidente - José Artur Saraiva Marinho; 1.º secretário - Joaquim Hernâni Vinha Novais; 2.º secretário - Norberto Manuel pereira da Silva Mota; tesoureiro - Manuel Ramos Morgado; vogais - Angélico do Vale Miranda e Miguel da Silva Ferreira Pereira.

PARA O BRASIL

Acompanhado de sua Esposa, partiu já para o Brasil, o nosso prezado assinante, Carlos Cardoso Salgado.

O casal que apenas contava ficar pouco tempo, aguentou-se afinal 8 meses, fazendo promessas de em breve aqui voltar.

Apesar de um certo marasmo, Fão é sempre Fão e o ambiente de família é sempre aconchegado.

FALECIMENTOS

Com apenas 33 anos de idade, faleceu recentemente em Esposende o dr. António Luís de Barros Zão que ultimamente exercia as funções de adjunto da Presidência da Câmara de Esposende.

A sua morte foi muito sentida pois o dr. Zão era um verdadeiro lutador, como o comprova a conclusão do Curso de Direito, enquanto exercia funções no Tribunal de Esposende. Todos os dias se dirigia para as aulas no Porto e enquanto seguia viagem ouvia as lições na cassete do carro. A sua vida era totalmente preenchida com os cargos mais diversos, para além da sua dupla qualidade de trabalhador-estudante.

Infelizmente o coração não lhe seguiu os anseios do espírito.

A família enlutada, e de um modo especial a seu tio, nosso colaborador, dr. Joaquim Barros Peixoto, os nossos pêsames.

★

No mês de Novembro faleceu em Fão, com 86 anos, Ana Olímpia Fernandes Alves. Mãe da saudosa Episténia, a Sr.ª Aninha revelou-se uma avó à altura, muito dedicada às suas netas a quem adorava.

★

Vítima de doença que não perdoa, faleceu na Rua Serpa Pinto Maria de Fátima Alves Soares, com apenas 27 anos de idade.

★

No dia 1 de Janeiro faleceu na nossa terra, Maria das Dores Gonçalves Torres, mais conhecida da Rua Monja. Podemos dizer sem motivo para dúvidas que se finou uma das mulheres mais divertidas de Fão.

★

Em Barcelos onde residia, faleceu, vítima de mal que não perdoa, Maria da Nazaré Palmeira Alves Querido.

A Nazaré no seu tempo de jovem era uma moça sempre bem disposta que representava a alegria de viver.

Paz à sua alma.

As famílias enlutadas os nossos sentimentos.

cartas AO DIRECTOR

Ex.mo Senhor
Director do «Novo Fanguieiro»
Fão

Ex.mos Senhores,

Faz um ano que me dirigí aos meus amigos e entidades ligadas ao sector, anunciando a minha decisão de pôr termo ao acordo que me ligou durante doze anos à única empresa por conta de quem trabalhei.

Nessa altura, prometi que oportunamente daria notícias dos meus projectos futuros.

Preferi aguardar que pelo menos parte deles estivessem realizados, em lugar de ir anunciando fases intermédias dos objectivos pretendidos.

É pois com grande prazer que torno público ter oficialmente obtido desde 9 de Outubro último o controlo total e absoluto da propriedade e gestão, do *Hotel do Pinhal, em Ofir*, o qual

me proponho dirigir, renovando, actualizando e aumentando progressivamente as suas instalações e nível de serviços.

Foi um processo moroso que me ocupou estes últimos meses; os próximos serão de intenso trabalho local, sem deixar de ir pensando no futuro, o qual de uma forma ou outra espero esteja sempre ligado à minha actividade profissional: *restauração, hotelaria e turismo*.

Este hotel corresponde aos meus projectos anunciados há um ano; a brochura junta dá uma ideia da «casa» onde trabalho actualmente e que espero considerem a «Vossa», sempre que possam.

Fico à espera.

Até lá apresento os meus cumprimentos, esperando vir a ter o ensejo de dar mais notícias.

ANÍBAL SOARES



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ★★ ★

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

CONFERÊNCIA

No próximo dia 11 de Março vem a Esposende proferir uma palestra no Clube Rotário, com sede no Hotel Nélia, o embaixador, dr. Franco Nogueira.

A presença do ilustre visitante está a ser aguardada com muita expectativa.

Dr. Dialino Esteves

Assinado pelo Delegado no Porto da Direcção-Geral da Comunicação Social, dr. Dialino Esteves, recebemos um amável ofício com os votos de «um Bom Natal e Feliz Ano Novo».

Agradecemos penhorados a atenção havida para com o nosso jornal.

HOTEL DO PINHAL EM MARCHA

Aníbal Soares, até há pouco co-proprietário do hotel do Pinhal, juntamente com seus irmãos, adquiriu recentemente a parte que pertencia aos seus familiares, tornando-se na prática o único titular da Empresa Mitur.

O Hotel vai sofrer melhoramentos que se revelam sem dúvida necessários, tendo-se iniciado para já a construção de dez novos quartos. Outras obras vão começar em breve e nós, porque esses melhoramentos se reflectem no progresso de Fão, publicaremos em próximo número uma entrevista com este activo hoteleiro que se radicou definitivamente em Fão.

Cartório Notarial de Gondomar CESSÕES DE QUOTAS

No dia nove de Outubro de mil novecentos oitenta e sete, no Cartório Notarial de Gondomar, perante mim, Licenciada Maria Filomena Donas-Botto Saraiva de Aguiar Pinto Ferreira, Notária do mesmo Cartório, compareceram como outorgantes:

PRIMEIRO a) — José Virgílio Saraiva Soares, casado sob regime da separação de bens com Isabel Maria Gonçalves Quinta da Costa Soares, residente na Travessa das Antas, n.º 84, 1.º C, da cidade do Porto e natural da freguesia de Paranhos do concelho do Porto, que outorga por si e como procurador de Maria Angelina Saraiva Soares, viúva, residente na Quinta da Torre, em Pinhal e natural da freguesia de Leça da Palmeira, do concelho de Matosinhos, como verifiquei por uma procuração, que fica arquivada a instruir esta escritura;

b) — Maria Vitória Saraiva Soares, divorciada, residente na Rua do Crasto, n.º 744, 4.º Direito, da cidade do Porto e natural da freguesia de Paranhos;

c) — Maria Angelina Albuquerque Saraiva Soares Pinto Monteiro, casada sob o regime da separação de bens, com Rui Damião Martins Pinto Monteiro, residente na Praça Dr. Francisco Sá Carneiro, n.º 271, 4.º Esq.º, da cidade do Porto e natural da mesma freguesia de Paranhos;

d) — José Cassiano Saraiva Albuquerque Soares, casado sob o regime da separação de bens com Maria de São José Almeida Tavares Soares, residente na Rua São João de Brito, n.º 11, Linda-a-Velha, concelho de Oeiras e natural da freguesia de Ramalde, do concelho do Porto;

SEGUNDO) — Aníbal Francisco Saraiva Soares, separado judicialmente de pessoas e bens, natural da freguesia do Bonfim, do concelho do Porto e residente no Hotel do Pinhal, da freguesia de Fão, do concelho de Esposende, contribuinte fiscal número 100979122;

Verifiquei a identidade dos outorgantes por serem do meu conhecimento pessoal.

E declararam:

Que eles primeiros outorgantes e constituinte do primeiro outorgante e ainda Maria Angelina Saraiva Soares, o segundo outorgante e ainda a sócia Zita Madalena Ramos Pereira, após as cessões de quotas hoje aqui efectuadas neste Cartório e exaradas a folhas seis e a folhas oito deste livro de notas, são os únicos e actuais sócios da sociedade comercial por quotas Mitur - Sociedade Turística do Minho, Limitada, com sede no Hotel do Pinhal, em Ofir, Fão, concelho de Esposende, constituída por escritura lavrada em dezanove de Abril de mil novecentos oitenta e quatro e exarada a folhas trinta e sete verso, do livro de notas, para escrituras diversas, deste Cartório, número Quarenta e Quatro-D e matriculada na Conservatória do Registo Predial e Comercial de Esposende, sob o número duzentos e sete, e com o Cartão de Identificação de Pessoa Colectiva número 501628754;

Que no capital social que é de três milhões de escudos, integralmente realizado, os mencionados outorgantes possuem as seguintes quotas:

A constituinte do primeiro outorgante Maria Angelina Saraiva Soares, uma quota do valor nominal de quinhentos e vinte e cinco mil escudos e os referidos primeiros outorgantes uma quota cada um do valor nominal de duzentos e setenta mil escudos;

As restantes quotas no valor global de um milhão trezentos e noventa e cinco mil escudos, pertencem agora ao segundo outorgante, sendo uma quota de um milhão cento e vinte e cinco mil escudos e outra de duzentos e cinquenta mil escudos e à referida sócia Zita Madalena Ramos Pereira, uma quota de vinte mil escudos;

Que, pela presente escritura, eles primeiros outorgantes cedem ao segundo outorgante Aníbal Francisco Saraiva Soares, todas as quotas de que são titulares, no valor nominal de duzentos e setenta mil escudos, cada uma;

Declarou ainda o primeiro outorgante José Virgílio Saraiva Soares, que na qualidade em que intervém e em nome da sua constituinte, cede ao segundo outorgante Aníbal Francisco Saraiva Soares, a quota do valor nominal de quinhentos e vinte e cinco mil escudos de que a sua constituinte é titular;

Que estas cessões são feitas com todos os direitos e inerentes obrigações e pelo preço dos valores nominais das quotas cedidas, compreendendo os preços atrás referidas o valor das quotas, os suprimentos e quaisquer créditos que os cedentes tenham na sociedade, nada mais tenho a receber a qualquer título.

Disseram ainda os primeiros outorgantes, que receberam já aqueles mencionados preços dos quais dão a devida quitação fazendo-o também o primeiro outorgante José Virgílio Saraiva Soares em nome da sua constituinte Maria Angelina Saraiva Soares.

Declarou a primeira outorgante Maria Vitória Saraiva Soares, que se demite das funções de gerente que vinha exercendo na Sociedade.

Disse o segundo outorgante, que aceita

estas cessões de quotas e que a sociedade não possui bens imóveis.

Disseram finalmente todos os outorgantes que eles primeiros e segundo outorgantes são os únicos filhos da constituinte Maria Angelina Saraiva Soares e que nos termos do artigo Oitocentos setenta e sete do Código Civil, autorizam sua mãe a ceder ao segundo outorgante seu irmão a quota referida nesta escritura.

A certidão da Conservatória do registo Predial e Comercial de Esposende, pela qual verifiquei a qualidade de únicos sócios e quotas dos mesmos e a certidão passada no Centro Regional de Segurança Social de Braga, da qual consta que a referida sociedade tem a sua situação contributiva regularizada perante aquela Instituição, já se encontram arquivadas sob os números cinco e quatro no maço de documentos referentes a este livro de notas.

Eu, Notária, adverti os outorgantes da obrigatoriedade de requererem o registo deste acto, na Conservatória do registo Predial e Comercial de Esposende, no prazo de três meses, a contar da data desta escritura.

ARQUIVO: A procuração atrás referida.

Esta escritura foi lida e explicado o seu conteúdo, em voz alta, na presença simultânea de todos.

Cartório Notarial de Gondomar, treze de Outubro de mil novecentos e oitenta e sete.

A Notária,
Assinatura ilegível

Cartório Notarial de Gondomar CESSÃO DE QUOTA

No dia nove de Outubro de mil novecentos oitenta e sete, no Cartório Notarial de Gondomar, perante mim, Licenciada Maria Filomena Donas-Botto Saraiva de Aguiar Pinto Ferreira, Notária do mesmo Cartório, compareceram como outorgantes:

PRIMEIROS) — José Virgílio Saraiva Soares, casado, natural da freguesia de Paranhos, do concelho do Porto e residente na Travessa das Antas, n.º 84, 1.º C, da cidade do Porto; e

João de Deus Soares, casado, natural de São Pailo, Brasil e residente na Rua Duque de Palmela, n.º 77, 1.º D.to, da cidade do Porto, que outorgam como gerentes e em representação da Sociedade Industrial do Vouga, Limitada, com sede na Rua da Restauração, n.º 18, da cidade do Porto, no uso dos poderes que lhe foram conferidos em Assembleia Geral extraordinária da referida sociedade realizada em oito de Agosto do ano em curso, como consta da acta número cento e seis, que vou arquivar; e

SEGUNDO) — Aníbal Francisco Saraiva Soares, separado judicialmente de pessoas e bens, natural da freguesia do Bonfim, do concelho do Porto e residente no Hotel do Pinhal, da freguesia de Fão, do concelho de Esposende, contribuinte fiscal número

100979122. Verifiquei a identidade dos outorgantes por serem do meu conhecimento pessoal.

É pelos primeiros outorgantes foi dito:

Que a sua representada Sociedade Industrial do Vouga, Limitada, é titular de uma quota no valor nominal de Um milhão cento e vinte e cinco mil escudos, no capital social de Três milhões de escudos, inteiramente realizado na Sociedade comercial por quotas Mitur - Sociedade Turística do Minho, Limitada, com sede no Hotel do Pinhal, em Ofir, Fão, concelho de Esposende, constituída por escritura lavrada em dezanove de Abril de mil novecentos oitenta e quatro e exarada a folhas trinta e sete verso, do livro de notas, para escrituras diversas, deste Cartório, número Quarenta e Quatro-D, matriculada, na Conservatória do registo Predial e Comercial de Esposende, sob o número duzentos e sete, e com o cartão de identificação de pessoa colectiva n.º 501628754;

Que no uso dos poderes que lhes foram conferidos na mencionada Assembleia Geral Extraordinária, cedem em nome da sua representada, ao segundo outorgante aquela mencionada quota, pelo preço de Um milhão cento e vinte e cinco mil escudos, que a sua representada já recebeu, do segundo outorgante.

Pelo segundo outorgante foi dito, que aceita esta cessão.

ARQUIVO: a) — a acta atrás referida;

b) — Certidão passada no Centro Regional de Segurança Social de Braga, da qual consta que a referida sociedade tem a sua situação contributiva regularizada perante aquela Instituição;

c) — Certidão passada na Conservatória do registo Predial e Comercial de Esposende, pela qual verifiquei, o capital social, sócios e quotas dos mesmos, da referida Sociedade Mitur - Sociedade Turística do Minho, Limitada.

Esta escritura foi lida e explicado o seu conteúdo em voz alta, na presença simultânea de todos os outorgantes da obrigatoriedade de requererem o registo deste acto, na Conservatória do Registo Predial e Comercial de Esposende, no prazo de três meses a contar da data desta escritura, encontrando-se a Sociedade Industrial do Vouga, Limitada, matriculada na Conservatória do registo Comercial do Porto, sob o número dezassete mil duzentos vinte e nove, tem o capital social de trinta e cinco milhões de escudos e é titular do Cartão de Identificação de pessoa colectiva número 500267049;

Cartório Notarial de Gondomar, 13 de Outubro de 1987.

A Notária,
Assinatura ilegível

Cartório Notarial de Gondomar

DIVISÃO E CESSÃO DE QUOTA

No dia nove de Outubro de mil novecentos oitenta e sete, no Cartório Notarial

de Gondomar, perante mim, Licenciada Maria Filomena Donas-Botto Saraiva de Aguiar Pinto Ferreira, Notária do mesmo Cartório, compareceram como outorgantes:

PRIMEIRO) — Aníbal Francisco Saraiva Soares, separado judicialmente de pessoas e bens, natural da freguesia do Bonfim, do concelho do Porto, e residente no Hotel do Pinhal, da freguesia de Fão, do concelho de Esposende; e

SEGUNDA) — Zita Madalela Ramos Pereira, casada sob o regime da comunhão geral de bens com Armando do Santos Saraiva, natural da freguesia de Fão, do concelho de Esposende e residente na Rua da Cruz, da mesma freguesia de Fão, contribuinte fiscal número 12222431;

Verifiquei a identidade dos outorgantes por serem do meu conhecimento pessoal.

Declarou o primeiro outorgante, que é sócio da Sociedade comercial por quotas Mitur - Sociedade Turística do Minho, Limitada, com sede no Hotel do Pinhal, em Ofir, Fão, concelho de Esposende, constituída por escritura lavrada em dezanove de Abril de mil novecentos oitenta e quatro e exarada a folhas trinta e sete verso, do livro de notas, para escrituras diversas, deste Cartório, número Quarenta e Quatro-D e matriculada na Conservatória do registo Predial e Comercial de Esposende, sob o número duzentos e sete, e com o cartão de Identificação de Pessoa Colectiva n.º 501628754;

Que no Capital social daquela Sociedade de que é de Três milhões de escudos, integralmente realizado possui ele primeiro outorgante tituladas em seu nome, uma quota do valor nominal de Duzentos e setenta mil escudos e outra de Um milhão cento e vinte e cinco mil escudos, que hoje adquiriu por escritura outorgada neste Cartório e exarada a folhas seis, deste livro de notas, à sócia Sociedade Industrial do Vouga, Limitada;

Que, pela presente escritura, ele primeiro outorgante divide aquela sua quota de Duzentos e setenta mil escudos, em duas novas quotas, uma de Duzentos e cinquenta mil escudos, que reserva para si e outra de vinte mil escudos que cede à segunda outorgante Zita Madalena Ramos Pereira;

Que esta cessão é feita com todos os direitos e inerentes obrigações e pelo preço do valor nominal da quota cedida, que ele primeiro outorgante declarou já ter recebido da segunda outorgante.

Declarou a segunda outorgante, que aceita esta cessão.

Arquivo uma fotocópia da acta número nove da assembleia Geral Extraordinária, realizada em oito de Agosto do ano em curso, da qual consta terem todos os sócios da referida sociedade deliberado por unanimidade não pretenderem usar do direito de preferência que lhes assiste nos termos do artigo Quinto do pacto social, quer em nome próprio, quer para a própria sociedade na cessão de quotas que o primeiro outorgante aqui efectuou, assim, como foi deliberado também autorizarem a divisão e cessão de quotas aqui efectuada pelo primeiro outorgante.

A certidão passada na Conservatória do registo Predial e Comercial de Esposende,

pela qual verifiquei a qualidade de sócios, quotas e capital da mesma sociedade, já se encontra arquivada sob o número cinco no maço de documentos referentes a este livro de notas;

A certidão passada no centro Regional de Segurança Social de Braga, da qual consta que a referida Sociedade, tem a sua situação contributiva regularizada perante aquela Instituição, também já se acha arquivada sob o número quatro no maço de documentos referentes a este livro de notas.

Eu, Notária, adverti os outorgantes da obrigatoriedade de requererem o registo deste acto, na Conservatória do registo Predial e Comercial de Esposende, no prazo de três meses a contar da data desta escritura.

Esta escritura foi lida e explicado o seu conteúdo em voz alta, na presença simultânea de todos.

Cartório Notarial de Gondomar, treze de Outubro de mil novecentos e oitenta e sete.

A Notária,
Assinatura ilegível

Cartório Notarial de Gondomar

CESSÃO DE QUOTA

No dia trinta e um de Dezembro de mil novecentos e oitenta e sete, no Cartório Notarial de Gondomar, perante mim, Licenciada Maria Filomena Donas-Botto Saraiva de Aguiar Pinto Ferreira, notária do mesmo Cartório, compareceram como outorgantes:

PRIMEIROS) — Zita Madalena Ramos Pereira e marido Armando dos Santos Saraiva, casados sob o regime da comunhão de bens, residentes na Rua da Cruz, da freguesia de Fão, concelho de Esposende e naturais ela da freguesia de Fão, concelho de Esposende, e ele natural da mesma freguesia de Fão;

SEGUNDA) — Maria Angelina Saraiva Soares, viúva, natural da freguesia de Leça da Palmeira, do concelho de Matosinhos e residente na Quinta da Torre, da cidade de Pinhel.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pela forma adiante indicada.

Declarou a primeira outorgante Zita Madalena Ramos Pereira, que na sociedade comercial por quotas que gira sob a denominação «MITUR - SOCIEDADE TURÍSTICA DO MINHO, LIMITADA», com sede no Hotel do Pinhal, em Ofir, da freguesia de Fão, do concelho de Esposende, constituída por escritura de dezanove de Abril de mil novecentos oitenta e quatro, outorgada neste Cartório e lavrada a folhas trinta e sete verso, do respectivo livro de notas, número Quarenta e Quatro-D), matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Esposende, sob o número duzentos e sete e com o cartão de Pessoa Colectiva número 501628754, com o capital social de três milhões de escudos, inteiramente realizado, possui ela outorgante titulada em seu no-

me, uma quota do valor nominal de vinte mil escudos.

Pela presente escritura, cede aquela mencionada quota à segunda outorgante Maria Angelina Saraiva Soares, com todos os direitos e inerentes obrigações e pelo preço do valor nominal da quota cedida, preço esse que declarou ter já recebido da mesma.

Disse o primeiro outorgante marido que consente na cessão da quota aqui efectuada pela esposa.

Declarou a segunda outorgante que aceita esta cessão.

Verifiquei a identidade dos outorgantes bem como a qualidade em que intervêm a primeira outorgante esposa por serem do meu conhecimento pessoal.

A certidão passada pelo Centro Regional de Segurança Social de Braga, da qual consta que a sociedade tem a sua situação contributiva regularizada perante aquela instituição, já se encontra arquivada sob o número quatro, no maço de documentos referentes ao livro de notas para escrituras diversas, número Cinquenta e Três-D, deste cartório.

Adverti os outorgantes da obrigatoriedade do registo deste acto na conservatória do registo Comercial de Esposende, no prazo de três meses a contar de hoje.

Esta escritura foi lida e explicado o seu conteúdo, em voz alta, na presença simultânea de todos.

Cartório Notarial de Gondomar, trinta e um de Dezembro de 1987.

O Notária,
Assinatura ilegível

Cartório Notarial de Gondomar

AUMENTO DE CAPITAL E REMODELAÇÃO TOTAL DO PACTO SOCIAL

No dia trinta e um de Dezembro de mil novecentos oitenta e sete, no cartório Notarial de Gondomar, perante mim, Licenciada Maria Filomena Donas-Botto Saraiva de Aguiar Pinto Ferreira, notária do mesmo Cartório, compareceram como outorgantes:

PRIMEIRO) — Aníbal Francisco Saraiva Soares, separado judicialmente de pessoas e bens, natural da freguesia do Bonfim, do concelho do Porto e residente no Hotel do Pinhal, da freguesia de Fão, do concelho de Esposende;

SEGUNDA) — Maria Angelina Saraiva Soares, viúva, natural da freguesia de Leça da Palmeira, do concelho de Matosinhos e residente na Quinta da Torre, da cidade de Pinhel.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pela forma adiante indicada.

Declararam os seguintes outorgantes:

que são os únicos e actuais sócios da sociedade comercial por quotas, que gira sob a denominação de MITUR - SOCIEDADE TURÍSTICA DO MINHO LIMITADA, com sede no Hotel do Pinhal, em Ofir, da freguesia de Fão, do concelho de Esposende, constituída por escritura lavrada em dezano-

ve de Abril de mil novecentos e oitenta e quatro e exarada a folhas trinta e sete verso, do livro de notas para escrituras diversas, número Quarenta e Quatro-D, deste cartório, matriculada na Conservatória do registo Comercial de Esposende, sob o número duzentos e sete, com o capital social definitivamente registado e integralmente realizado de três milhões de escudos e dividido em oito quotas, sendo quatro de duzentos e setenta mil escudos cada uma, uma de um milhão cento e vinte e cinco mil escudos; uma de duzentos e cinquenta mil escudos e uma de quinhentos e vinte e cinco mil escudos, que pertencem todas ao sócio Aníbal Francisco Saraiva Soares e outra quota de vinte mil escudos, que pertence à sócia Maria Angelina Saraiva Soares.

Pela presente escritura o sócio Aníbal Francisco Saraiva Soares, unifica as sete quotas dos valores nominais referidos, numa única quota de dois milhões novecentos e oitenta mil escudos, e na qualidade de únicos e actuais sócios desta sociedade, deliberam e procedem ao seguinte:

a) — Elevam para dez milhões de escudos, o capital social, na modalidade de novas entradas, pelo reforço em dinheiro, de sete milhões de escudos, subscrito pelo sócio Aníbal Francisco Saraiva Soares, pelo que eleva a sua quota para nove milhões novecentos e oitenta mil escudos;

b) — procedem à remodelação total do pacto social:

Para cumprimento das deliberações tomadas o pacto social passa a ter a seguinte redacção:

ARTIGO PRIMEIRO) — A sociedade adopta a denominação de MITUR - SOCIEDADE TURÍSTICA DO MINHO, LIMITADA, e tem por objecto a exploração de hotéis, apartamentos, moteis, estalagens, parques de campismo, restaurantes, cafés, similares e outros estabelecimentos de comidas e bebidas, casinos e similares, instalações balneárias, aluguer de equipamento desportivo e diversos serviços recreativos;

ARTIGO SEGUNDO) — A sociedade tem a sua sede no Hotel do Pinhal, em Ofir, freguesia de Fão, concelho de Esposende, podendo a sua sede, por deliberação em Assembleia Geral, ser deslocada dentro do mesmo concelho ou concelhos limítrofes;

ARTIGO TERCEIRO) — É indeterminada a duração da sociedade, contando-se o seu início a partir de dezanove de Abril de mil novecentos oitenta e quatro, data da sua constituição;

ARTIGO QUARTO) — O capital social está inteiramente realizado em dinheiro e é de dez milhões de escudos e está dividido em duas quotas, sendo uma de nove milhões novecentos e oitenta mil escudos, pertencendo ao sócio Aníbal Francisco Saraiva Soares e outra de vinte mil escudos, pertencendo à sócia Maria Angelina Saraiva Soares;

ARTIGO QUINTO) — É livremente permitida a cessão total ou parcial de quotas entre sócios, ficando desde já autorizadas as necessárias divisões; porém a cessão total ou parcial a favor de estranhos depende do consentimento da sociedade;

ARTIGO SEXTO) — A gerência dos negócios sociais, fica afecta aos actuais sócios e, às pessoas que, sócios ou não forem nomeados em Assembleia Geral. Todos os gerentes serão ou não remunerados conforme decisão em Assembleia Geral.

PARÁGRAFO PRIMEIRO) — A sociedade obriga-se, em todos os seus actos e contratos, pela assinatura única do sócio gerente Aníbal Francisco Saraiva Soares;

PARÁGRAFO SEGUNDO) — A sociedade obriga-se também pelas assinaturas de dois gerentes em conjunto, ou ainda pelas assinaturas de um gerente e de um procurador, ou mandatário da sociedade, nomeado em assembleia Geral, que lhe determinará os seus poderes específicos;

PARÁGRAFO TERCEIRO) — Os actos de simples expediente, nomeadamente os que não envolvam responsabilidades financeiras para a Sociedade, poderão ser efectuadas por qualquer dos gerentes em exercício.

ARTIGO SÉTIMO) — Os suprimentos de que a caixa carecer poderão ser feitos por qualquer dos sócios, mediante ou não o pagamento de juros à taxa máxima legal das operações bancárias passivas.

ARTIGO OITAVO) — Os lucros líquidos apurados, depois de retirada a percentagem para Reserva legal, terão o destino que a Assembleia Geral determinar, podendo a Sociedade criar as reservas livres que entender.

ARTIGO NONO) — No caso de falecimento, interdição ou unabilitação de qualquer dos sócios, a sociedade continuará com os herdeiros do falecido e/ou os representantes legais do interdito ou inabilitado, devendo aqueles escolher entre si, no prazo de trinta dias, o que os representará na sociedade, enquanto a quota não for partilhada;

ARTIGO DÉCIMO) — Em caso de dissolução e liquidação da sociedade todos os sócios são liquidatários, devendo proceder à liquidação e partilha como se acordar; ma falta de acordo haverá licitação verbal entre todos para o activo e passivo serem adjudicados em globo ao que oferecer maior preço e melhores condições de pagamento.

Verifiquei a identidade e a qualidade de únicos sócios em que intervêm, por serem do meu conhecimento pessoal.

Eu, Notária adverti os outorgantes da obrigatoriedade de requererem o registo deste acto na Conservatória do registo Comercial de Esposende, no prazo de três meses a contar desta data.

Esta escritura foi lida e explicado o seu conteúdo, em voz alta, na presença simultânea de todos.

Cartório Notarial de Gondomar, trinta e um de Dezembro de mil novecentos e oitenta e sete.

A Notária,
Assinatura ilegível

Carro para os Bombeiros

A Corporação dos Voluntários adquiriu um pronto-socorro, todo o terreno de pequena dimensão e por conseguinte de muita mobilidade.

É intenção dos directores iniciar as obras do novo quartel já no presente ano.

Nos Bombeiros trabalha-se a bom ritmo.

AUMENTE O SEU

Colesterol!

Mantendo a louvável intenção de ajudar o Colesterol a subir um pouco mais, aqui temos a receita de uns

RISSÓIS DE CARNE:

Massa para os rissóis: água — uma chávena mal cheia. Manteiga (ou margarina) — uma colher de sopa. Farinha — uma chávena. Sal — q. b.

Põe-se a água a ferver com o sal, a manteiga e uma casquinha de limão.

Quando a água ferver, deita-se dentro a farinha, de uma só vez, e deixa-se cozer. Tira-se do lume e deixa-se arrefecer um pouco. Trabalha-se então a massa sobre uma mesa polvilhada com farinha, até a massa não pegar à mesa. Começa-se então a tirar bocados, que se estendem com o rolo e que se cortam em rodela, com a borda de um copo. Dobra-se cada rodela ao meio, depois de lhe meter o picado cuja receita damos a seguir, e vai a fritar em bastante óleo, e bem quente, depois de previamente se passar cada rissol por ovo e pão ralado.



o melhor café
é o da

A BRASILEIRA
PORTO

RECHEIO PARA OS RISSÓIS

Carne picada — 1/4 Kg. Leite — meio copo. Cebola, alho e salsa — q. b. Farinha maizena — 1 colher de sopa.

Faz-se um refogado e deita-se lá o picado, com um dente de alho e salsa, picados miudinhos. Depois do picado cozido, deita-se-lhe o leite e a farinha. Tempera-se a gosto e recheia-se a massa.

BOLO DE LARANJA

Ovos — seis. Açúcar — 2 chávenas. Farinha — 2 chávenas (a farinha deve conter fermento). Laranjas — 1.

Batem-se as gemas com açúcar, junta-se o sumo e a raspa de laranja. Batem-se as claras em castelo, e vão-se juntando à massa, alternando com a farinha. Depois de tudo misturado deita-se em forma untada com manteiga polvilhada com farinha. Vai ao forno bem quente; passado um pouco, reduz-se o calor e por fim volta aumentar-se até cozer completamente.

Estimámos que agrade ao Colesterol...

TIA MARIQUINHAS

Biblioteca Municipal

No dia 15 de Dezembro celebrou-se um Contrato-Programa para a construção da Biblioteca Municipal-Casa da Cultura na Sala de Sessões dos Paços do Concelho, com a presença do Presidente do Instituto Português do Livro e da leitura.

DESASTRE

Tivemos conhecimento que o conhecido roupeiro do C. F. de Fão, o simpático Júlio, caiu abaixo de uma obra e partiu uma vértebra. Prontamente levado ao Hospital, foi assistido pelo dr. Carvalho de Matos e depois enviado para o Hospital de S. João.

Felizmente o azar passou-lhe ao lado, pois podia ter ficado paralisado.

Já se encontra entre nós e daqui por seis meses poderá fazer uma vida normal.

Ainda bem, Júlio.

Oscar Fangueiro

Em separata do Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos, n.º 31 de 1987, recebemos do seu autor, Oscar Fangueiro, erudito investigador e grande amigo do nosso jornal, o opúsculo «As Profissões em Matosinhos e Leça do final do séc. XVIII através das companhias de ordenança».

Trata-se de um trabalho de investigação paciente que nos permite estabelecer conclusões sobre o tecido social do séc. XVIII em Matosinhos e Leça.

Em face dos dados recolhidos, o autor, baseado sobretudo no método estatístico, chega a algumas conclusões que nós aqui apresentamos:

«Na maior parte dos casos, os filhos de pais ligados ao mar, seguiam uma profissão ligada ao mesmo meio: pescador, piloto, marinheiro, contramestre e calafate.»

«As profissões de marinheiro e pescador são também as mais compartilhadas pelos seus habitantes... etc.

Trata-se de um trabalho bem elaborado que pode servir de guia a outros concelhos, tais como à Póvoa, Esposende e Viana.

AS CONFIDÊNCIAS DO PINHAL

Se eu voltasse um dia, de novo, a vegetar,
Se eu pudesse escolher de novo, meu torrão,
Eu escolheria de novo a Vila de Fão,
Eu cresceria de novo junto deste Mar.

Transformar-me-ia num modelar eldorado,
Paraíso Terrestre, Reino de paz e Amor,
Onde minhas ramas isolassem o calor
E deixassem o campista, cá, extasiado.

mas queria dele a máxima limpeza,
Para no chão de fagulha desfrutar
Sob mim, toda a máxima beleza.

e plumosos cantores ouvirem chilrear
Por sob os verdes pinhos da Natureza
Com vitrais na Igreja da Bonança a brilhar.

Casanova 87/11/12

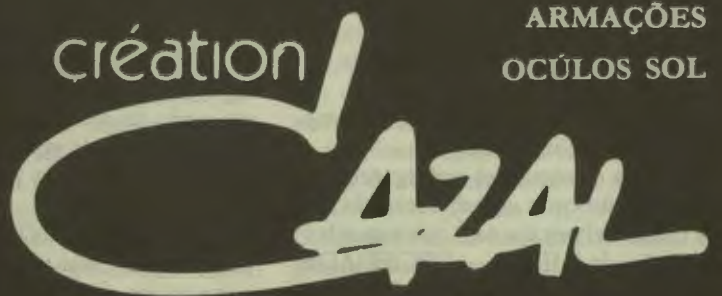
ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

création

ARMAÇÕES
OCÚLOS SOL



CUMPRIMENTOS DE BOAS FESTAS

Tiveram a gentileza de nos enviar Boas Festas os srs.: Parque Municipal de Exposições - Braga; Jorge Sequeira - Lisboa; Senhor Manuel Baptista de Sousa - Esposende; D. Cecília Amorim; Eng. António Pedro Costa - Porto; Pedro Viana - Guimarães; Jorge Santos - Porto; Escola Primária de Fão; Dinis Vilarelho - Porto; Amândio Caramalho - Brasil; Dr.ª Arlete Faria - Viana do Castelo.

Como sempre, o casal Florinda/Fernando de Almeida, do Porto, enviou-nos o seu costumado e amável cartão de Boas-Festas, sempre acompanhado de uma quadra que este ano reza assim:

A palavra Natal
É hino de louvor,
Não existe outra igual
A transmitir Amor.

★

Foi-nos também muito grato receber um significativo cartão do Brasil do nosso conterrâneo e assinante, Manuel da Costa Gonçalves de Moraes.

A todos o nosso muito obrigado.

NO REINO DO «CONSTA»

Consta que a vizinha freguesia de Apúlia vai ser elevada a vila e que essa elevação não necessitou do aval camarário.

★

Também Forjães se movimentou no sentido de lhe ser conferida a categoria de vila.

★

Ainda no que se refere a Apúlia, consta igualmente que muito brevemente vai abrir uma delegação de Finanças naquela terra vizinha.

FESTA NA RUA AMORIM CAMPOS

Todas as casas da Rua Amorim Campos apareceram com as janelas iluminadas a partir do dia 8 de Dezembro.

A ideia saiu de alguns moradores da referida artéria que solicitaram dos vizinhos que secundassem tal lembrança. Parece que nenhuma casa se negou a colaborar, pelo que a citada rua apresentou durante muitos dias um efeito magnífico.

Este gesto faz-nos lembrar uma outra ideia já por nós aqui evocada no sentido de as casas de Fão aparecerem enfeitadas com vasos de flores.

A Junta veio até com um manifesto a propósito, mas nós entendemos que seria conveniente formar uma comissão entusiasta em cada uma das ruas principais.

Só pegando na ideia com força e directrizes se conseguirá qualquer coisa. Mas só com manifestos parece-nos que não.

ANÚNCIO

Buscas em jornais e documentos antigos c/ microfílmicos ou fotocópias.

CONTACTE:

Jorge Sequeira
Biblioteca Nacional
Campo Grande
1751 Lisboa Codex

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Recebemos o Boletim Cultural n.º 9, do Serviço de Bibliotecas Itinerante e Fixas da Fundação Calouste Gulbenkian.

No frontispício da capa aparece-nos uma reprodução de «Le Prime et la Mente (1912) de Amadeo de Souza Cardoso. O fascículo em causa é consagrado à poesia, contendo apenas textos de autores portugueses de quem se faz uma pequena biografia.

Agradecemos a deferência.

OBRAS DO SALÃO

— Como temos dito já, vão realizar-se as obras do Salão e espaços envolventes que vai tornar mais acolhedor o lugar do Priorado.

Embora não figurasse inicialmente no projecto, vão ser construídos um novo salão que esperamos seja polivalente e três salas anexas. Para já foi atribuído uma verba de sete mil contos, embora se entenda que o conjunto das obras ultrapasse os quinze mil.

Parece que na Câmara houve discussão valente, mas a obra foi aprovada por unanimidade.

— E por falarmos em obras, garante-nos o Senhor Presidente que as obras do novo mercado vão iniciar-se em breve.

DONATIVO AO C. NÁUTICO DE FÃO

A Firma Figueiredo e Mariz ofereceu a quantia de oitenta e cinco contos para o C. Náutico de Fão comprar uma canoa de carbono.

INCÊNDIO

Na noite de 25 para 26 de Dezembro, na casa do nosso prezado assinante Adelino Monteiro (d'ã Areia) ateou-se um pequeno incêndio que podia ter tido consequências bem trágicas.

Foi o caso dos donos da casa terem esquecido um cobertor ligado em cima de um sofá. De noite este começou a arder e por sorte o dono da casa acordou. Imediatamente alertou os seus e chamou os Bombeiros que rapidamente dominaram o fogo.

Como dizia o finado Avelino, os cobertores eléctricos são uma maravilha — ele referia-se às bolinhas de pirolitos — mas cuidado com os esquecimentos.

NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Emília Corte-Real

COLABORAM NESTE NÚMERO:
Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Dinis Vilarelho
Florinda de Almeida
Casanova

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRAULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MAQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

Consulte-nos

REIMELI, Lda.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

O Mundo em que vivemos

O NATAL DO SR. BARBOSA

A figura do senhor Barbosa está ligada a reminiscências da minha infância. Homem de idade indefinida, muito digno e triste na sua condição de asilado, o seu velho fato coçado pelo uso, mas impecavelmente limpo, sempre o vi de gravata, uma gravata desbotada e polida que, tal como o dono, já conhecera melhores dias.

No Asilo deixavam-no sair às quintas-feiras de tarde e ele escolhia algumas casas onde ia pedir «qualquer coisinha» para manter um antigo hábito, o de fumar.

Perdida a fortuna, morta a esposa, emigrados os filhos para o Brasil, tudo o que lhe restava da antiga grandeza era, além da dignidade de maneiras, do porte correcto e sóbrio, o cigarro, companheiro das horas boas

e más. Só por ele descia à humilhação de mendigar.

A casa de meus pais era uma das que ele seleccionou para a sua «visita das quintas-feiras». De lá levava sempre alguma coisa para ajuda de comprar o desejado tabaco.

A sua condição de pobre invulgar, melancólico mas aprumado, modesto mas não servil, tão diferente e tão distante dos mendigos habituais, começou a despertar a simpatia da minha família, que passou a permitir-lhe a entrada para o corredor contíguo à porta da rua, do qual havia um cadeirão, onde o sr. Barbosa se sentava a merendar qualquer coisita, normalmente doce, e ia tomar uma chávena de café, que a criada lhe servia, e que ele aceitava com a despreziosa naturalidade de quem fora habituado a ser servido.

O Natal chegou. Os asilados tiveram autorização para passarem fora o dia 25. Foi, então, convidado para almoçar em nossa casa. Aceitou.

Não se sentou à nossa mesa porque tinha muita tosse e, nesse tempo, em que não havia antibióticos, nem sequer a vacina do BCG o espectro da tuberculose e o inerente receio de contágio pairavam, como sinistra ameaça, sobretudo nas casas onde havia crianças, pois a saúde competia aos pais proteger e acautelar. Assim, pôs-se-lhe a mesa no «quartinho de trabalho», um pequeno quarto do rés-do-chão com janela sobre o jardim onde estavam a máquina de costura, a tábua de passar a ferro, o cesto de costurar, um roupeiro, algumas cadeiras e ao meio uma mesa. Foi aí que a criada serviu ao sr. Barbosa o seu almoço de Natal que, por ordem expressa de meus pais, era exactamente igual ao nosso. No fim, foi-lhe oferecido, com o café, um cálice de licor e um charuto.

Sorrateiramente, dado que devido à minha pouca idade não estava autorizada a aproximar-me dele, fui espreitá-lo, no fim do almoço, pela porta entreaberta. Não me viu. Recostado na cadeira, tinha um ar sereno e descontraído, que lhe suavizava as feições austeras, sem lhes tirar a natural nobreza e calma dignidade.

Aspirando um charuto, com o à-vontade e um gesto muitas vezes repetido (em melhores tempos) contemplava, de olhos semicerrados, as evoluções do fumo, com ar dis-

tante e vago, perdido nas suas recordações. Uma das mãos, de dedos longos e aristocráticos, emergindo do punho esfiapado da camisa, descansava sobre a toalha.

Que se recordaria ele? Talvez outros Natais, com a mulher e os filhos à sua volta? Talvez...

Hoje, à distância de tantos anos, e com a experiência que a vida nos vai proporcionando, estou em crer que, para além da recordação da família, teria havido algo mais: ele devia sentir-se transportado a um passado já perdido no tempo, em que os andrajós actuais não tinham lugar, em que o corpo magro e anguloso, era distinto e elegante no seu fato de cerimónia e em que a mão branca e fidalga segurava uma taça de champagne, num ambiente requintado de salão. Afastei-me em bicos de pés, deixando-o a sós com os fantasmas do seu passado desfeito. Mais tarde, a criada foi levantar a mesa, quebrando o encanto. Agradeceu e partiu.

Foi a última vez que vi o sr. Barbosa. Nunca mais apareceu à «visita das quintas-feiras».

Por isso a imagem que me ficou dele — e é assim que gosto de o invocar — foi a de alguém que, mercê do sortilégio do Natal e de um pouco de calor humano, recuperou, embora fugazmente, toda a magia de um passado glorioso que, num último revêrbero de luz, veio até si através das brumas do TEMPO.

E. Real

HUMILDADE

Três reis magos, poderosos,
Vindos lá do Oriente,
Por caminhos pedregosos,
Cada qual com seu presente.

Buscavam um Rei-Menino
De entre os outros, diferente,
Que apesar de pequenino
Era Rei de toda a gente!

Incenso, mirra e ouro,
Trouxeram p'ra Lhe ofertar,
E um outro maior tesouro
Dos corações a brotar.

Reparando numa Estrela
Que ia à sua dianteira,
Logo entenderam que ela
De Deus era mensageira.

Crentes, então, a seguiram
Durante a longa jornada,
E, por fim, a estrela viram,
Numa cabana pousada.

Um menino ali nascera,
Naquela gruta, em Belém,
E nem roupinha tivera
Para O cobrir, Sua Mãe!

Aureolado de luz,
Numas palhinhas deitado,
Estava o doce Jesus,
Maria e José ao lado.

E os bons Reis maravilhados,
O Deus-Menino adoraram;
Com humildade prostrados,
Seus presentes Lhe ofertaram.

FLORINDA DE ALMEIDA

Porto, 6-1-984

FESTA DO NATAL

Em várias instituições locais o Natal foi comemorado na forma do costume. No edifício da escola houve a consoada dedicada aos alunos.

No Lar da Terceira Idade e ainda no Infantário da Santa Casa realizaram-se almoços especiais para comemoração da quadra festiva.

Nos Bombeiros o refinamento foi maior. O edifício foi iluminado e a antena parabólica dava efeitos singulares de luz.

No sábado, dia 18 houve o costumado jantar dedicado ao Corpo Activo e Comandado, com a assistência dos corpos directivos. Os participantes levaram as esposas, de modo que estiveram presentes 117 pessoas.

No domingo houve ainda uma festa dedicada aos filhos de Bombeiros e Directores.

Um presépio luminoso na parte de trás do quartel apresentava belos efeitos para quem passava na estrada.

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO